

PÁLPEBRAS AMARELADAS



LEANDRO RAFAEL PEREZ,
JULHO 2008

O poema era tão claro
A poesia tão obscura
que não eram pálpebras

*Para Fellipe Brum Foureaux
& Adriana Teshirogui*

Há algo em você
que empurra a escuridão
dos seus olhos quase fechados
pro mundo, simples espelho.
O brilho dos seus olhos é o último suspiro
desse esforço a reluzir no espelho.

Há um brinco pendurado no seu olhar:
não há sangue.
é só uma sombra de lustre:
A lâmpada também me machuca.

*

EU ESTAVA sobre um gigantesco corpo marrom e ele era tudo que existia. Só os olhos da mesma cor garantiam que aquilo não era terra e que não era aquilo e o que era aquele eu não sei. Uma escuridão tão grande que pardo era o branco dos olhos enquanto eu acariciava pêlos de couro. Então ele fechou os olhos e tentou me agarrar e balbuciar; os abriu, e como nunca se assemelhou a um monte de terra com dois olhos gigantes. Aí o piscar se acelerou de tal forma – olhos surgindo e sumindo tão mecânicos –, que eu soube: tudo dependia apenas de mim naquele momento; mas quando assentei minha cabeça sobre a terra quente, vi que se tratava de um pulsar de coração pequeno de gente mesmo e quando tentei seduzi-lo, rocei e montei, me senti sujo e enterrado. Quando aprendi a piscar igual, de noite eu me sonhava azul e luz e de dia me deitava com a terra vigiando ou amava as coisas humanas. Todos os meus pensamentos eram no esforço de juntar tudo isso e supor que eu tinha um amor e uma vida, mas às vezes eu só me sentia um corpo sujo num sonho estranho, daí que eu precisava ainda mais daqueles olhos e talvez eu nem percebesse que a terra cada vez mais me era mais querida do que palavras balbuciadas e gestos obscuros. Algumas pessoas a vida inteira já preferem animais a seres humanos. Os velhos, gostam mesmo é de plantas.

*

Seu enigma me fascina
Mistério que me assassina
Longe da admiração fina
À qual o mundo me inclina
Sua beleza é minha sina
Que deveria ser ínfima
Pois em si mesma se fina
Mas me acomete e me ensina
Que só com a posse a dor atina.

*

Ninguém vê o movimento lento que o imóvel
faz no desalento de tudo se mover em vão.

*

O corpo aolado do lado nunca está aocentro
o corpo sempre está aonde há quase cantos
segredos e verdades endurecem no cerne onada
dúvidas se tocam movendo sem deixar o levar
nada que não seja movimento ou AUTORITARISMO.

*

A AÇÃO DEPENDE DA EMPATIA,
MAS O ESPAÇO PRECEDE.

*

com a ponta da unha,
O tempo não se toca
Areia movediça
só com o corpo se nota
grave de perdição
repetida à exaustão:
Mergulho afogado.

*

Admiro as coisas que te neguei. ELAS CRESCEM dentro de uma floresta trancafiada. Seus olhos são a única chave possível, eu até poderia tentar entrar na gambiagem, mas para quê?, se me contento tanto em mirá-la assim de esgueio sempre maior e mais exótica mata que me jubila negar a qualquer um que sobre ela tenha algum direito, ou seja, você, pois com esta minha atual conduta, não poderia nem vê-la aos fins de semana. Nunca a encaro de frente, mas creio que a invado ao bel-prazer: tal opinião me leva a dar risadinhas nervosas em público, a cada esquina, lá está ela: mais roxa e laranja do que verde, que jogo delicioso é cultivá-la nas beiradas de minhas memórias nossas, como se eu tivesse achado uma brecha nas leis marciais ou conseguido entrar com sorvete no cinema. Roubo para mim então o segredo que construo ao seu redor tão seu, te gosto tanto. Ilusão é você, que habita esse estranho mundo onde as folhas não são laranjas por sua causa.

*

Dante do labirinto que era a floresta
de estírios no cores do horizonte,
Não havia cavalo que fosse só cavalo
nem Ícaro que não fosse sol.

*

TUDO QUE BRILHA É UM ESPELHO
a DIZER QUE TUDO EMANA LUZ.

*

TODO FATO É CEMITÉRIOS
e TODA ARTE SÃO PÁS E ELETROCHOQUES.

*

CANTORA INCA

Vou vê-la cantar hoje à noite de novo.
Vou, sim! Não tenho vergonha de dizê-lo
E ela canta, sim! Não me venha dizer que não!

Vou pagar a entrada, pedir uma bebida
e brincar com o gelo enquanto ela não vem
Chegue logo! Surja das trevas e se poste à luz
no seu banquinho ruído com a escuridão ainda
enroscada no labirinto de seus cachos

Ela constrange o rosto
Agarra o microfone
Nenhuma nota, nenhum som
Não penso em outras músicas
Ouço sua canção de silêncio
Em seus lábios não distingo sílabas
só pressinto dor, amor, humanidade

Mais uma noite perfeita!
Vou embora com a alma imunda mas quieta
Então a vejo dobrando uma esquina,
Eu poderia ter fugido, me escondido!,
mas fico e ela me reconhece
Tantas noites!
"Olá" e um sorriso
E o vazio perde espaço em minha vida,
se inunda do que há de triste
no óbvio e insólito que constitui o tudo

Que triste foi essa noite! Era noite sem nuvens
quando mirei o céu estrelado sem lua
e só vi estrelas...

*

COCHILO NO BUSÃO

O ar carrega espinhos
que só sinto sonolento
Há um veneno de torpor que assusta
ao mesmo tempo que alimenta flores
durante um instante de escuridão
destes despertos distraídos.

*

chuva no corpo, ferro no ar
Cadeado fechado na mente
escapando dos dedos,

duvido que ladrão tome chuva:
só os medrosos se machucam de leve,
só corpos vivos mesmo que molhados
só corpos mesmo que quase mortos
formam este lar ainda carente de casa.

*

POR DENTRO E POR FORA, a casa havia sido pintada toda de marrom, o que não a impedia de ter paredes sólidas, protegê-lo e não colaborar muito quando ele começou a comê-la em nacos de terra com uma colherona prateada; gostava é das pequenas, mas já que comer paredes não era exatamente um prazer, roubou aquela mesmo de uma gaveta argilosa da cozinha. O trabalho nos cantos e corredores era mais fácil e de qualidade enquanto o quarto escondia adagas e alfinetes-sem-cabeça. Com muito cuidado, tudo era revirado e renegado à sala caso não ocorresse o desastre de alguma deglutição. Há meses não chorava, cagava normal e regularmente, fruto de seu trabalho honesto e esmerado. Se considerava um rapaz sensível do tipo que sente movimentos peristálticos como agulhadas ou descreve casas como sepulturas sem caixão: foi com muito orgulho que recebeu sua primeira cópia da reluzente chave do portão aos dezenove anos de idade.

*

Se almoço depois que janto,
é claro que acordo às sete da noite
duvido que o mundo fosse menos desalentoso
se eu botasse os meus óculos
ainda mais com este toró
se unindo à noite para encerrá-lo.
Como um pedaço de bolo me enjoa o estômago,
nem toco violão com anseio de vomitar
Alguém acende a luz fazendo algo
quase nem noto vago com dor de cabeça pensando...
Ler em voz média o que escrevo acaricia meu estômago
anseio estar dormindo em breve
embora tenha acabado de acordar
Arroto e agarro um livro para antecipar o sono e agüentar
ando me preocupando e me desdenhado demais:
O estômago se alastra numa gastrite
dor de cabeça leve e sono auto-induzido.

*

POÇA

Economizo lâminas:
Tesouras e alicates
Unhas e cabelo crescem
Lentos,
embora o tempo não faça sentido
anseio pelo encontro dos opostos
Tudo é fio,

Limiar

O tempo age contra o poder,
ambos sobrevivem de distinguir os iguais:
Amolo os metais,
mas numa unha me corto
Não faz sentido
engolir o próprio cabelo
nele se afogar
e olhar transbordar
Refletindo no gume.

*

Madrugada é escuro de quarto,
mas fora dele sopra um frio sem manta
que cobre de noite o que vai por perto e vem
o céu com suas cores já cansadas ao meio-dia,
mas te digo: alguém sempre acorda antes da gente:
vejaquele mendigo vestido com belas penas de galo,
mentira minha seria se fossem de pavão:
Tomei fria a canja que o alimenta de cesta.

*

acidente na rua:
prefiro os olhos
Não pelo prazer da contramão
mais pelo acidente na gente
porque de gente já me basta o indigente
exigindo da gente o básico do básico:
Acidente na gente o tempo todo em tudo.

*

Na hora difusa
da aurora confusa
beijo convulsa
sem medo dos fusos
o vulto que sepulta
os meus lábios se tocando No vão.

*

Serei uma mulher de sovaco peludo
Os cabelos compridos presos num *hashi*
Pernas peludas: mulher de verdade
E da orelha dos machos
Penderá um único brinco cumprido
Com todas as cores.

Dos seios, tenho a essência:
os mamilos
e o corpo como um todo
num vestido solto de grávida
grávido de mim mesma.

*

IDENTIDADE

Há um leão a te vigiar de dentro desta xícara de café:
Você teria de se livrar de várias panteras mortas
para encontrá-lo ainda faminto a te encarar agora.
Este leão são vinte-e-quatro horas de meio-dia
e você teria que revirar todas as noites de sua vida
para distinguir em sua pelagem a aurora fadada,
mas ver seus olhos é prever pensamentos de sangue
com a vontade feita coração de cada ato
e são tantos e tão brancos os seus dentes que são
uma página com a verdade escrita miúda em nanquim:

Panteras têm gosto de manteiga.

*

Em convulsões, sublimações,
troca de posições,
tudo dito feminino
não apenas existe,
como baila,
transita entre os corpos,
flui, funde as rochas
soberbamente sólidas
que quando se roçam
não apenas fagulham essências
como dão leite.

Na praia,
as pedras sereiam
Masoquistas.

Touros de força
Escorpiões de vingança
desfeitos no ar
fica só o peso
O aguilhão
Um cheiro de cansaço
e no deserto esmo,
nem vertigens distraem o óbvio
de me engolir a cada passo indigesto
ou de me invadir como se eu não fosse
esta pedra domável à dor.

*

CÍLIOS DE POESIA : MUNDO DE POEMAS

*

via Jorge de Lima

Um dia o mar invadiu a floresta sem inundá-la:

As ondas batiam tão forte nas encostas
que o mar coube em cada raiz
As pessoas sobrepunham suas roupas
montanhas e pedregulhos aos bolsos
para se lançarem aos rios
colaborando com o processo pelo qual
cada folha caia só na sua vez
prolongando o fim
antecipando o apodrecer
dos frutos que caíam podres
amargos desde as águas
e tudo já dialogava com o fim
enquanto todos choravam logo
e seres redondos deslizavam
por ladeiras intermináveis
os amantes se apaixonavam
violentamente sem poder amar
belas virgens se exibiam corcundas
do alto de saltos-edifícios como agulhas
Tudo penetrava o seio do concreto
lenta e violentamente
cada dia um pouco mais
mas ninguém virava mais os calendários
com o papel agora afiado feito navalha
Os ferimentos todos cármicos
amarelados sem qualquer carmim
e o alimento se fazendo merda nos lábios
todas as peles lindas de tanto beber urina:

Tudo era pós-humano e posterior ao tempo
num piscar de olhos esmurrado
pela audácia de sempre existir

um garoto com uma narina só mirar o sol
me equilibrando na bicicleta o leite
venenoso das flores vermelhas com
espinhos um mendigo se alisando na
bunda com o dedo-do-meio duro e podre
a vida escorrendo como meia por fios de
ouro que reluzem a sangue *cold
chocolate bar burning blue* tudo deveria
ser mais parecido com línguas e orelhas
o meu quarto como uma banda cujos
membros são um quadrilátero cujum dos
vértices é um ponto no meio da minha
testa *a estrela é a flor da árvore morta*
em mim há seios que enfartam ao seu
toque perder a virgindade sem esquecer
os óculos a questão é que o olho não tem
como.

IRIS-LIKE PUPIL

ESBELTA BAILARINA

Num giro,
a bailarina engole o mundo
Come pouco
O mundo é pouquíssimo
Fome
Não come
Recome

Em rodopios matutinos,
Come o já comido
Não engorda, que esbelta!
Nunca arrotou do ar do mundo
Tão pouco vomitou um pêlo dele
Seu corpo tudo aproveita
do quase nada que a menina aceita,
mas o pouco, come com gosto
Sem pensar
Numa única pirueta
que já o digere,
Mundo completo.

Como é bem ensaiada!
a coreografia encomendada
para que o mundo não enjoje:
Baila como se embalasse
nos braços um bebê
e não o mundo no estômago
Ai, como cansa a dança
e como come pouco a bailarina!

Num giro, engole o mundo
Tão pouco...
Então fome!
Mas não come:
Recome.

*

CAQUI

Dentar o amargo, sentir o líquido escorrer e morder os gomos.
Lambuzar os lábios e lamber os dedos.

*

vomito rios contra minhas mãos de sal
sobra tão pouco de tudo que faço
um poema é a violência do processo

*

A NECESSIDADE É MUDA,
POR ISSO APELA AOS ATOS.

*

Vou cortar os dedos das mãos
e pendurá-los com barbante
Ensangüentados novos nervos

Vou me fazer gente:
me dar o que já tenho.
Coincidir-me.

*

Doma-me o leão e o faça vigiar o nosso lar
Me projeta daquilo que você me resguarda
Torne os presentes de *Kwan Yin* supérfluos
um espelho, um chifre e um laço que aviva sangue
Não me faça dançar tango ao som destes tambores
Entrega-me um envelope vermelho vazio
com direito a um resvalo de dedos e muito mais
Não quero mais a minha própria misericórdia
Quero viver o amor que rime esta multidão de futuros e
Domo-te o leão e o faça vigiar o nosso lar.

*

Uma igreja se ergueu no seu altar.
Queria que fosse apenas uma oração,
mas você sabe de meus excessos
que me perco e que cruzeiros são fáceis
mais fáceis do que dragão de Ano Novo
ou orar com sua mão esquerda à minha.

*

Para lá de todo lodo existe uma fábrica
e para cá ao lado de todos, inúmeros mercados;
mas em tudo cresce esta igreja informe
que capenga equilibra sobre a tenda das infâncias,
um pouco mais abaixo, esgotos e águas límpidas.
A barbárie me pulou à frente hoje de manhã:
Liberem todas as drogas se me quiserem segunda!
Minha lucidez não serve a ninguém:
Fiz minha matemática,
ainda me falta geografia

Onde está a folha de papel?

Tenho verdades a escrever
que vou apenas rabiscá-las
Conta-me um romance com detalhes
que juro comentar um poema breve.

*

Espero o silêncio ser quebrado
ou será já o mar quebrando?
Angústia suspensa em esperança
experimenta o sal do ar
e os peixes de luz:

Não sei se a repetição em si me incomoda
Me encanta aquela que constrói infinitos
ao longe ainda se enxerga o mais próximo
Não aquela que enfileira últimos ambíguos.

São feixes de um mar mudo.

Quero livros e espelhos.

*

ELE TEM OLHOS BEM GRANDES. Sinto medo deles: castanhos, oculares. Piscam até que bem, bastante. São duas pinturas de terra numa parede acomodada e sinto todo o espanto que dois quadros gêmeos de terra informe e fecunda têm a oferecer ora pendurados ora se camuflando na parede familiar de um lar. Na boca, sinto gosto de lar, mas todo o resto me desmente: o vejo pelo olho-mágico e me escoro na porta de madeira. Ele quer entrar, sair dos quadros e batentes. Ele quer entrar, ocupar cada cômodo caído até chegar às chaves e esquadrias de alumínio, tudo que brilhe convertido numa promessa sem chuva ou sol, semente ou trabalho, inexistindo meses e tratores.

*

via Marcelo Pierotti

Deus abandonou este recinto
ressentido de sua ausência ali
no grito da fechadura
e no abismo das pessoas.
Deus levou as chaves e os olhos.

via Marcelo Mirisola

você que bebe, você que morre,
você que vive e sofre de outro modo,
Não me toca hoje que estou buraco:
o que enfia, perde; o que ressoa, volta
o que ressoa, soa arrote e
o que fede, não tem volta,
Não me toca que hoje estou buraco.

*

Um tigre albino num breu com caramelo
Você sem corpo se exibindo para mim
Não tire nada do que não precisa
Vou entrar pelos seus excessos
e me esconder nos seus momentos
Vou deitar o nosso espaço
e acorcundar os apocalipses

Me diga o que precisa e o que não é
Serei *eu eco* para o bem e para o mal
Serei um caipira a te dizer quem fala
e você sonhará olhos alfabetizados.

*

MULTIPLICOS

Encanhorrei um animal que latiu latiu
pro que havia sido engatinhado:

Não havia plantas antes das mãos e dos joelhos
Só depois as margaridas e os girassóis
junto com as outras plantas do pé
Um pouco antes, cactos e videiras

Tudo é um latido duplo por palavras emburrecido:
funcionais e empacantes, domáveis e símbolos

Tudo em oposição:
reflexo sem espelho multiplica
os cacos diferem os seres.

*

A vida é calçada quando morre no asfalto. É pano-de-chão sobre trapo. É quase a mesma coisa até morrer no mesmo. São margens que brilham ao se roçarem até formarem um único abismo em que caem em si loucas de tédio cansado.

A vida inglesa e a morte
não é uma certeza.

